

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS/MG
PEDAGOGIA
DANIELA DA SILVA GONÇALVES GOMES

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E A INTERAÇÃO ESCOLAR

Varginha/MG
2019

DANIELA DA SILVA GONÇALVES GOMES

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E A INTERAÇÃO ESCOLAR

Monografia apresentada ao Centro Universitário do Sul de Minas Unis/MG, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada no Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora Prof. M^a Maria de Fátima Monnerat Cruz Chaves

Varginha/MG
2019

DANIELA DA SILVA GONÇALVES GOMES

Monografia intitulada “dificuldade de aprendizagem e a interação escolar” apresentada ao curso de Pedagogia do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS/MG, como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura, pela Banca Examinadora composta pelos membros.

Aprovado em:

Profa. M^a. Maria de Fátima Monnerat Cruz Chaves

Dr. Celso Augusto dos Santos Gomes

Prof^a. Dra. Terezinha Richartz

OBS.:

Varginha, ___ de _____ de 2019.

Dedico este trabalho a Deus, a minha mãe, meu irmão, família e meu namorado que sempre me apoiaram nesta etapa e, também aos meus amigos que se fizeram presente durante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que, em sua infinita sabedoria, colocou força em meu coração para vencer essa etapa de minha vida. Aos meus familiares, Célia e Lucas, pelo apoio, força e amor incondicional. Sem vocês a realização desse sonho não seria possível.

Sou grata a todos os professores que contribuíram com a minha trajetória acadêmica, especialmente à Prof^ª. M^ª Maria de Fátima Monnerat Cruz Chaves, responsável pela orientação do meu projeto.

"O valor se constrói com a reflexão, com a conversa interior, com o estímulo ao pensamento, ao passo que os dogmas, em geral, são construídos pela aceitação de uma verdade revelada que jamais poderia ser atingida pelo esforço racional..." (Celso Antunes)

RESUMO

Alunos com dificuldades de aprendizado necessitam de especial atenção e diálogo aberto por partes dos professores que os receberão em sala de aulas, a fim de minimizar as interferências entre professor e estudante. O aluno das séries iniciais é uma criança em fase de desenvolvimento e descobertas da realidade social, e a escola é o espaço onde ocorrem as primeiras manifestações dessas atitudes. No presente trabalho será feita uma análise da importância da Interação entre Escola e Aluno no Processo Pedagógico para uma educação de qualidade, com vistas a superar o insucesso de aprendizado do aluno e, com isso, cooperar para que o aluno com dificuldade de aprendizado sinta-se incluído e destinatário de atenção, de modo que professores possam refletir sobre sua prática, analisando as situações negativas e, se possível, buscar interferir a fim de melhorá-las.

Palavras-chaves: Interação. Professor. Aprendizagem.

ABSTRACT

Students with learning difficulties need special attention and open dialogue by teachers who will receive them in the classroom in order to minimize interference between teacher and student. The student in the initial grades is a child in development and discoveries of social reality, and school is the space where the first manifestations of these attitudes occur. In the present work an analysis of the importance of the Interaction between School and Student in the Pedagogical Process will be made for a quality education, with a view to overcoming the failure of student learning and, with this, to cooperate so that the student with learning difficulty feels included and recipient of attention, so that teachers can reflect on their practice, analyzing negative situations and, if possible, seeking to interfere in order to improve them.

Key-words: Interaction. Teacher. Learning.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| <u>1 INTRODUÇÃO</u> | 9 |
| <u>2 INTERAÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA DINAMIZAR A APRENDIZAGEM</u> | 12 |
| <u>2.1 Interação Escolar</u> | 12 |
| <u>2.2 Dificuldades de Aprendizagem: Aspectos Gerais</u> | 13 |
| <u>2.3 Papel do Professor como Mediador: Uma análise da Interação sob a Luz das Zona de Desenvolvimento Proximal</u> | 15 |
| <u>3 PROFESSOR, UM PROFISSIONAL REFLEXIVO E SEU PAPEL NO PROCESSO INTERATIVO</u> | 19 |
| <u>3.1 Interação como Método de Facilitar a Aprendizagem e o Pensamento</u> | 20 |
| <u>3.2 Ensinar e Aprender no Contexto da Sala de Aula</u> | 21 |
| <u>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u> | 23 |
| <u>REFERÊNCIAS</u> | 24 |

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema “Dificuldade de Aprendizagem e Interação Escolar” tem como finalidade analisar de que maneira o professor pode intervir em situações em que o aluno demonstra ter dificuldades de interagir no ambiente da sala de aula, para que não ocorra uma exclusão do mesmo, contribuindo para que a interação social venha a ser positiva. Dessa maneira, o foco da pesquisa remete-se à interação entre aluno/professor.

Justifica-se a escolha do tema pois a dificuldade de aprendizagem escolar motivada por uma linguagem não compreendida é realidade em grande parte do ambiente escolar e precisa ser trabalhada visando atingir o sucesso no ensinar e aprender.

O aprendizado exige um trabalho pedagógico bem elaborado e estruturado. Para tanto, deve ser desenvolvido de acordo com a capacidade de avanços no desenvolvimento da criança, de seus conhecimentos prévios, dando a oportunidade deste aluno expressar suas capacidades e exercer seu desenvolvimento e aprendizado.

No entanto, um consenso que parece existir é o de que as dificuldades de aprendizagem podem gerar, ou mesmo agravar, problemas relacionados à adaptação social e à convivência. A criança que desde cedo vivencia experiências de fracasso e insucesso, percebe os julgamentos dos professores e dos próprios colegas da sala sobre os seus problemas com a aprendizagem, formando, aos poucos, uma imagem negativa de si mesma, além de inibir o desenvolvimento intelectual e pessoal do estudante.

Partindo desse pressuposto, vislumbrou-se necessário a elaboração do presente artigo monográfico com o intento de conhecer como o professor, atuando em sala de aula, pode interagir de modo a auxiliar na construção do indivíduo para viver em sociedade, ajudando em um processo que envolva a autonomia do aluno e a interação com o meio social.

Para atingir o objetivo proposto, este trabalho foi dividido em 4 (quatro) capítulos, sendo suas principais estruturas: “introdução (cap. 1)”; “interação como instrumento para dinamizar a aprendizagem (cap. 2)”; “professor, um profissional reflexivo e seu papel no processo interativo (cap. 3)” e “considerações finais (cap.4)”.

O trabalho se inicia com a presente introdução.

Com o desenvolvimento, no segundo capítulo, intitulado “interação como instrumento para dinamizar a aprendizagem”, primeiramente buscou-se definir o conceito de interação escolar, uma vez que a comunicação em sala de aula é essencial para que o conhecimento e a aprendizagem aconteçam. Adiante, o subitem 2.1 denominado “dificuldades de aprendizagem” trabalhou o fato de que a criança que chega à escola traz consigo toda a

experiência relacional-parental adquirida na família portando, inconscientemente, as frustrações e recalcamento do seu drama interior pessoal, que precisam ser levados em conta pelo professor na ocorrência de seu magistério.

O tópico seguinte, intitulado como “papel do professor como mediador: uma análise da interação sob a luz das zona de desenvolvimento proximal (zdp)” que considera dois níveis de desenvolvimento de seus conhecimentos, isto é, primeiro, os conhecimentos reais, adquiridos em seu meio familiar e social, e, em segundo lugar, conhecimentos potenciais ou conhecimentos de conteúdos técnicos, científicos e complexos, aos quais normalmente as pessoas do cotidiano pessoal do aluno não possuem ou não podem compartilhar.

O terceiro capítulo foi totalmente dedicado ao tema pesquisado. O tópico, nominado “professor, um profissional reflexivo e seu papel no processo interativo”, destacou-se que no processo comunicativo entre professor e aluno ocorre a interação social, que pode ser entendida como a comunicação em que há influência recíproca entre os interlocutores. O item seguinte (3.1 Interação como Método de Facilitar a Aprendizagem e o Pensamento) buscou-se assentar que o mundo atual vive em constante processo de mudança, no qual a educação não deveria ser ensinar, mas sim a de facilitar a mudança e a aprendizagem.

Adentrando o fechamento desse trabalho, o subitem 3.2 (Ensinar e Aprender no Contexto da Sala de Aula) descreve que professor e aluno – ao deixarem seu espaço familiar para se inteirarem no escolar, sujeitam a encontrarem diferentes situações das que estão acostumados em seus estilos próprio de vida, pois quando chegam ao ambiente escolar trazem consigo hábitos e costumes que refletem sua vivência particular. Por isso, uma límpida comunicação os levam a refletirem sobre as ações do interlocutor, provocando neles ações e reações, alcançando mútua influência um sobre o outro, de forma que o importante na comunicação é a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser educado, vai gerando a coragem.

Ato contínuos, teceu-se as considerações finais.

Foi utilizado o método Dialético visto ser um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade. Esse método foi escolhido por que admite que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social, político, econômico, etc, que vem ter estrita correlação com à presente pesquisa.

Foi ainda utilizado o Método indutivo, ou a indução, que é o raciocínio que, após considerar um número suficiente de casos, conclui uma verdade geral, o que ocorre, sem

dúvida, com a interação escolar aqui defendida como uma alternativa visando atingir o sucesso no ensinar e aprender.

Quanto ao método de procedimento houve a opção pela pesquisa monográfica e pela técnica de levantamento e estudo bibliográfico e documentação direta. (Dani, aqui fiz uma reestilização para não ficar muito parecido com aquele texto da mono que embasamos. Embora esse texto aqui seja padrão, fiz um melhoramento mantendo a ideia e diferenciando um pouquinho do outro).

2 INTERAÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA DINAMIZAR A APRENDIZAGEM

2.1 INTERAÇÃO ESCOLAR

Uma boa comunicação é essencial para que a aprendizagem e o ensino aconteçam. Assim, o que é falado em sala de aula, como essa fala é repassada ao aluno, em que tempo essa comunicação acontece etc. influenciam no processo de ensinar e aprender, pois a construção do conhecimento possui enfoque na relação existente no eixo aluno-professor.

Interação significa “comunicação, ou seja, expressar algo concreto seja através de uma palavra ou da linguagem corporal” (QUECONCEITO, 2019, p. 2).

No tocante a comunicabilidade em sala de aula, Maria Lúcia Castanheira ressalta que o vocábulo traz o significado de que,

Na vida social e nos diversos espaços em que nos encontramos com os outros, nos usos que fazemos da linguagem falada, nas situações em que usamos a linguagem escrita, realizamos ações que têm consequências para os participantes e que influenciam a maneira como nos vemos e vemos os outros, de que maneira somos vistos pelos outros, e também a maneira como (re)conhecemos significados que as pessoas atribuem aos artefatos culturais que utilizam nesses encontros. (CASTANHEIRA, 2015?, p. 1).

Como se vê, para que o conhecimento aconteça, é essencial que haja envolvimento interativo entre aluno e professor, de forma que a maneira como a linguagem for trabalhada pelo professor com seus alunos produzirá consequências para seus participantes, viabilizando não só a aprendizagem e o ensino, mas, também, a sociabilização de experiências, a maneira de como se vê o outro, em suma, uma boa interação afetiva provocada no recinto educacional é imprescindível para que não apenas o sucesso escolar aconteça, como também é essencial para formação de cidadãos comprometidos a replicar o que se aprende, em um dado contexto interacional, tanto no âmbito do espaço escolar, assim como fora dele.

Como se nota, é certo que a escola emerge como espaço facilitador de bons relacionamentos sociais e incentivador da aprendizagem, que se dá na figura do professor e aluno. Na perspectiva de Polyana R. C. de Araújo e Andreza Sanny Mendes de Aguir (2014, p. 6) “uma boa interação no âmbito escolar depende justamente desses dois componentes (professor e aluno), pois eles definirão se o ambiente irá influenciar o processo de ensino-aprendizagem, constituindo as bases da identidade pessoal desse aluno em formação”.

Portanto, com esse desenvolvimento, conclui-se que a realização de uma boa interação do professor com seu aluno elimina a distância indesejada no processo de conhecimento,

assim como essa linguagem acessível cria no aluno a sensação de atendimento, presteza e remove bloqueios que impedem a aprendizagem.

2.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: ASPECTOS GERAIS

O insucesso escolar pode estar diretamente ligado, entre outros aspectos que fazem parte da vida do aluno, a uma comunicação deficitária entre educador e educando. Para vencer essa dificuldade o “professor deve questionar-se, debater e refletir diariamente, no momento em que planifica e organiza o trabalho que pretende fazer com os seus alunos” (GONÇALVES, TRINDADE, 2010, p. 2062), pois, assim fazendo

Atenderá à maioria das especificidades dos grupos de alunos e, pensará num trabalho mais individualizado, com tarefas mais próximas possível das capacidades individuais, com o objetivo de consolidar os conhecimentos prévios, de mobilizá-los e transferi-los em situações de aprendizagem com um nível superior de dificuldade, através dos quais as competências são trabalhadas de uma forma transversal. (GONÇALVES, TRINDADE, 2010, p.2062).

De acordo com o autor George Mauco “a criança que chega à escola traz consigo toda a experiência relacional que adquiriu na família [portando inconscientemente] as frustrações e recalçamento do seu drama interior pessoal”. (MAUCO, 1967, p. 62).

Nesse sentido, é interessante que o aluno encontre no espaço escolar um ambiente propício para desenvolver novas habilidades e conhecimentos que propicie a ele superar essas situações que acabam por prejudicar sua relação com o meio social e, **consequentemente, o aprendizado escolar**. Essas características pessoais precisam ser levadas em conta pelo professor, pois quando a criança deixa seu espaço pessoal para se dirigir ao escolar, ela acaba transferindo para o professor, inconscientemente, as figuras parentais e as diferentes concepções de vida adquiridas no seio familiar.

E, para auxiliar essa superação, o professor deve ser um profissional que saiba lidar – e detectar - essas situações intrafamiliares e, para tanto, é desejável que o mesmo receba uma formação que o capacite para saber identificar essas condições pessoais do aluno recém-chegado ao ambiente escolar, pois, nos dizeres de Angel Pino

O desenvolvimento psíquico da criança constitui um processo de reconstrução ao nível pessoal do que já integra o patrimônio social, ou seja, as funções psíquicas, as habilidades técnicas e o saber acumulado. Mais do que inserir-se no meio social-cultural é este quem penetra na criança – em graus e formas variáveis – através de sua internalização. O desenvolvimento é, portanto, uma obra social e não simplesmente individual. (PINO, 1993, p. 26).

Para o autor, as funções psíquicas, as habilidades técnicas e o saber acumulado pela criança em seu cotidiano familiar, fortemente marcado pelas figuras parentais, influencia seu desenvolvimento psíquico no meio social, razão pela qual o espaço escolar, conhecido por ser um ambiente plural, deve sempre considerar as peculiaridades pessoais-parentais do estudante em sintonia com as existentes no meio social.

Com isso, o professor pode trabalhar melhor essas particularidades dos alunos, tratando-os com mais afeto e atenção, possibilitando a percepção de que estão sendo compreendidos e ouvidos. Esse ‘clima afetivo’ é um importante fator para superar circunstâncias inibitórias que, como visto, devem ser trabalhadas para poder estimular positivamente o processo educativo.

Com essa visão, reforçando o entendimento de Angel Pino, George Mauco destaca que

A criança [que] abandona a família pela primeira vez tem de sofrer e de estabelecer novos laços com os colegas e os professores, desempenhando esse encargo primeiramente dominado e orientado pelo seu inconsciente. Vai transferir para os professores, que evocam nele imagens do pai [ou da mãe], os sentimentos que a ligam a elas. O professor em particular, símbolo de autoridade, desperta na criança as suas reações à imagem do pai e a tudo o que ela representa de vigor ou de fraqueza interior. Da mesma maneira, os colegas podem suscitar reações conformes à vivência que teve com os irmãos e irmãs. Os comportamentos da criança vão provocar no professor e nos colegas reações correspondentes. Por outras palavras, vai prosseguir o diálogo das sensibilidades inconscientes. Nesta perspectiva, o meio escolar reproduz, transformando-o num plano social mais amplo, o meio familiar. (MAUCO, 1967).

Ante essa coleção de imagens das figuras parentais e os sentimentos que a criança assemelha, é importante, então que os educadores as levem em consideração quando for transferir seus conhecimentos e instruções pedagógicas, criando no aluno o sentimento de proteção, tanto quanto sente em sua casa, seja naquelas imagens que ele forma do professor a seus descendentes, visto que o infante vê nos dois a posição de autoridade, assim como ele suscita nos outros alunos uma relação de irmandade.

Para o sucesso no aprendizado é importante, nos dizeres de Meirieu (2008) citado por Gonçalves e Trindade (2010, p. 2062) que o aluno se sinta protegido, “acompanhado na sua aprendizagem, em que o professor é um mero mediador da aprendizagem, adquire com mais facilidade a autonomia na aprendizagem e crê ser capaz de construir a sua própria aprendizagem”.

É certo que a dificuldade de aprendizagem, para serem superadas, somente ocorre, nos dizeres de Leandro S. Almeida (2002, p. 158) “quando o sujeito consegue integrar a

informação que lhe chega no quadro mais lato da informação que já possui” por que, continua o autor,

Só nessa altura podemos falar em aprendizagem como construção de conhecimento. Sem isso, podemos estar acumulando, em paralelo, informações, pormenores ou respostas corretas. É uma aprendizagem assentada na justaposição e na correção da informação, mas porque feita em paralelo e não de forma integrada, deixa, algumas vezes, o aluno perplexo e respondendo ora de uma forma mais completa e correta, ora de uma forma mais incipiente e incorreta. (ALMEIDA, 2002, p. 158)

A todo instante ocorre, na vida do ser humano, transformações comportamentais e sociais. Com a criança, um ser em desenvolvimento e em fase de descobrir a vida, seu comportamento, ideias e opiniões tendem a mudar mais rapidamente face às novas descobertas, e isso precisa ser considerado pelo professor em sala de aula, buscando compreender a realidade atual, principalmente, os exemplos que ocorrem no ambiente da classe escolar, onde cada criança age de maneira individual em função da cultura e valores agregados, previamente, de seu grupo familiar e pessoal.

Portanto, uma adequada interação e observação da realidade que o aluno está inserido, são ferramentas que o professor pode lançar mão para compreender a necessidade do aluno com dificuldade de aprendizagem, direcionando um atendimento diferenciado segundo a peculiaridade de cada um desses alunos, imbuindo na criança a crença de que ela é capaz de aprender e de superar as dificuldades que inibem o aprendizado.

2.3 PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR: UMA ANÁLISE DA INTERAÇÃO SOB A LUZ DAS ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL

A relação professor-aluno **tende a** é ocupar, cada vez mais, a agenda e espaço nas publicações de pesquisadores da educação **e dentro das salas de aulas**. Não por outro motivo, nas relações educativas, a interação estabelecida no espaço escolar deve acontecer eloquentemente, oportunizando aos alunos sociabilizar informações e desenvolvimento junto a seus pares e professores.

Na sala de aula, o professor é um parceiro privilegiado **para com** que seu alunado. Por isso, é importante que o professor exerça o papel de mediador do conhecimento, propiciando sempre uma linha comunicativa clara e coesa, visando vencer as incertezas e insegurança apresentadas pelos educandos.

Gonçalves e Trindade (2010, p. 2062) aduzem que para vencer esses desafios caberá ao “professor acompanhar o processo de aprendizagem, orientar os alunos com mais

incertezas, os mais inseguros, e encontrar os momentos certos de avaliar de forma formativa todo o processo”, fazendo com que seus **alunos** ~~alunados~~, ainda nos dizeres dos autores, sintam “o desejo de melhorar e nunca fazer sentir o desânimo pela aprendizagem” (*Ibidem*).

Como se percebe, alunos que apresentam insegurança na aprendizagem necessitam que uma comunicação mais coesa e clara, por parte do educador, aconteça no cotidiano escolar, como forma de potencializar a capacidade do educando e a estimulá-lo a interagir com o conteúdo ministrado, imbuindo neste o desejo de sempre se superar nos conhecimentos adquiridos e a não desistir de aprender o novo.

Mas o que vem a ser o novo para esse universo de pessoas representadas pelo corpo discente das unidades escolares?

Uma das maiores contribuições para a pesquisa e prática educacionais são as intervenções educativas sobre a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), proposta pelo pesquisador e psicólogo L. S. Vygotsky.

Segundo essas lições, o aluno possui dois níveis de desenvolvimento de seus conhecimentos. O primeiro é o nível de desenvolvimento real, que compreende o conjunto de atividade que a criança consegue resolver sozinha. Esse nível é indicativo de ciclos de desenvolvimento já completos, isto é, refere-se às funções psicológicas que a criança **já se apropriou e tem conhecimento a partir de diversas atividades realizadas como, por exemplo, a leitura de um livro, ter escutado uma palestra etc.** ~~construiu até determinado momento~~. O segundo nível de desenvolvimento é o nível de desenvolvimento potencial: conjunto de atividades que a criança não consegue realizar sozinha, mas que, com a ajuda de alguém que lhe dê algumas orientações adequadas (um adulto ou outra criança mais experiente), ela consegue resolver.

Nessa linha de pensamento, ‘o novo’ são aqueles conhecimentos - reais e potenciais - que o aluno não adquiriu, respectivamente, tanto no nível primeiro quanto secundário ~~zepediano~~, situações que o professor pode desempenhar com qualidade e técnica.

Dessa forma de abordagem, os professores são, pois, responsáveis pelo desenvolvimento humano intervindo sobre a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) no sentido de que “o ensino deve antecipar-se ao que o aluno ainda não sabe nem é capaz de aprender” (GONÇALVES; TRINDADE, 2010, p.2063), cujo conceito é formado por dois níveis diferentes de conhecimentos: a um, o nível de desenvolvimento real; a dois, o nível de desenvolvimento potencial.

Sob a perspectiva de Gonçalves e Trindade,

O primeiro nível, o nível de desenvolvimento real, segundo Vygotsky (2003) compreende aquilo que a criança é capaz de fazer sozinha porque já tem um conhecimento consolidado. O segundo nível, o nível de desenvolvimento potencial, representa os momentos em que a criança realiza tarefas mais complexas, orientadas por instruções e com a ajuda de um adulto ou através da interação entre pares. (GONÇALVES; TRINDADE, 2010, p. 2063).

Como se nota, a partir do conceito da ZDP o processo de interação aluno-professor no ambiente escolar deve considerar, em primeiro momento, que o aluno, quando acessa a escola, possui conhecimentos prévios, de menor complexidade ou de rotinas diárias, adquiridos em seu meio familiar e social e, por tal razão, deve ser considerado pelo mediador como uma pessoa capaz de realizar determinadas tarefas sozinhas; e, em segunda instância, busca-se desenvolver o nível de aprendizado de tarefas mais complexas, qual deve ser instruído com a ajuda de pessoa adulta que tenha, preferencialmente, conhecimento técnico ou científico.

Dinamizando essa interação entre o aluno e professor, conforme Onrubia elucida, a intervenção nas zonas de desenvolvimento proximal possibilita:

- a) a inserção ao máximo da atividade pontual realizada pelo aluno a cada momento no âmbito de objetivos mais amplos, nos quais essa atividade pode adquirir significado da maneira mais adequada;
- b) a criação de um clima de relacionamento afetivo e emocional baseado na confiança, na segurança e na aceitação mútuas, em que caibam a curiosidade, a capacidade de surpresa e o interesse pelo conhecimento em si mesmo;
- c) a introdução, na medida do possível, de modificações e ajustes específicos, tanto na programação mais ampla como no desenvolvimento concreto da própria atuação, em função da informação obtida a partir das atuações e produtos parciais realizados pelos alunos;
- d) a promoção da utilização e o aprofundamento autônomo dos conhecimentos que os alunos estão aprendendo;
- e) a produção, no maior grau possível, relações constantes e explícitas entre os novos conteúdos que são objeto de aprendizagem e os conhecimentos prévios dos alunos;
- f) a utilização da linguagem da maneira mais clara e explícita possível, tratando de evitar e controlar possíveis mal-entendidos ou incompreensões;
- g) a utilização da linguagem para descontextualizar e reconceitualizar a experiência. (ONRUBIA1, 1999, p. 132-144 *apud* GONÇALVES; TRINDADE, 2010, p. 2064).

Como se observa dessas lições, a autora descreve que as zonas proximais sugerem, dentre outras, que no processo educativo sejam consideradas as particularidades a construção de um clima de relacionamento afetivo que gere segurança, aceitação mútua, aprofundamento autônomo do conhecimento, utilização de linguagem mais clara e explícita com o escopo de

1 ONRUBIA, J. (1999). Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir. In, César Coll; Elena Martín; Teresa Mauri, entre outros (1999). **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Editora Ática.

evitar mal-entendidos e descontextualizar e reconceitualizar a experiência de vida anterior adquiridas pelos alunos ~~em seus níveis real e potencial~~.

Assim, as ZDPs sugerem que o papel do professor no processo interativo escolar é uma medida importante para que o aprendizado aconteça, mormente por que o professor atuará como mola propulsora no segundo nível das ZDPs, ~~ministrando instruções complexas~~ **instruindo o aluno a desenvolver suas potencialidades**, ~~técnicas ou científicas que o aluno não detém conhecimento~~, valendo-se de instrumentais teóricos e práticos, por meio dos quais Areglado, Bradley e Lane, lembrado por B. McCombs² (2001 *apud* FIGUEIREDO, 2008, p. 250) insinua que o professor deve focar seu papel na interação com o educando, por meio da qual o mediador “deve proporcionar assistência ao aluno, no desenvolvimento de estratégias com vista a uma aprendizagem auto direcionada”.

Com isso, espera-se que a interação e exigência sobre o aluno não seja centrada apenas no que o aluno saiba fazer sozinho, mas sim, que seja avaliado o que o educando saiba fazer em colaboração com os outros estudantes, sociabilizando informações e recebendo instruções, criando um relacionamento afetivo e emocional amparado na confiança, segurança e aceitação recíprocas entre alunos e alunos, e entre professor e alunos, desenvolvendo um clima que a curiosidade, capacidade de surpresa e o interesse pelo conhecimento seja proporcionados pela utilização de uma linguagem clara e explícita, capaz de evitar e controlar possíveis mal-entendidos, incompreensões ou insegurança.

Com essas premissas, infere-se que quanto mais o professor oferecer situações em que aconteça uma interação coerente, mais estará contribuindo o educador para o desenvolvimento de seus alunados, proporcionando ao educando voz e consciência de que é capaz de adquirir conhecimentos para o longo de sua formação.

² McCombs, B. (2001). Self-Regulated Learning and Academic Achievement: A Phenomenological View. In: B. Zimmerman & D. Schunk (Edt.s). **Self-Regulated Learning and Academic Achievement** (pp. 67-123). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

3 PROFESSOR, UM PROFISSIONAL REFLEXIVO E SEU PAPEL NO PROCESSO INTERATIVO

No processo comunicativo entre professor e aluno ocorre a interação social, que pode ser entendida como a comunicação em que há influência recíproca entre os interlocutores. Assim, a comunicação dos professores com alunos das séries iniciais possui relevância especial, pois cabe ao educador dirigir o processo de aprendizagem, “orientando os alunos com mais incertezas, os mais inseguros, e encontrar os momentos certos de avaliar de forma formativa todo o processo, fazendo-lhes sentir o desejo de melhorar” (GONÇALVES; TRINDADE, 2010 p.2062). Ainda nos dizeres dos autores

Ser um profissional reflexivo, implica a capacidade de ver a prática como espaço/momento de reflexão crítica, problematizando a realidade pedagógica, bem como analisando, refletindo e reelaborando, criativamente, os caminhos de sua ação de modo a resolver os conflitos, construindo e reconstruindo seu papel no exercício profissional. (GONÇALVES; TRINDADE, 2010 p.2064).

A educação dirigida por professores, seu desempenho e o trato do conhecimento é de fundamental importância ao delineamento de novos rumos na prática pedagógica. Quanto maior e mais rica for sua história de vida e profissional, maiores serão as possibilidades do desempenho de uma prática educacional significativa, que, não é demais lembrar, não se limita a repassar informações ou mostrar apenas o conteúdo da grade escolar, mas ajudar o aluno a tomar consciência de si mesmo, oferecendo **orientações essenciais** ~~ferramentas úteis~~ para que ele escolha os rumos que for compatível com os seus valores, sua visão de mundo e com circunstâncias adversas que a sociedade impõe a cada um.

Em arremate, Gonçalves e Trindade (2010, p.2063) lembram que os professores devem “ser sensíveis e abertos às características de cada aluno, de modo a proporcionar-lhes respostas diversificadas, para que todos consigam ter uma igualdade de oportunidades”. Por fim, ponderam os autores, esta igualdade de oportunidades pressupõe “uma igualdade de acesso ao currículo e isso exige que os professores privilegiem uma diferenciação curricular e pedagogia diferenciada, ao longo de todo o processo ensino-aprendizagem do 1º ciclo do Ensino Básico”. (*Ibidem*, p. 2063).

Desse modo, a interação pode ocorrer entre duas ou mais pessoas e, no tocante ao professor e aluno, é desejável que haja troca de informações que os façam compreender o que o outro diz, ou que ao menos os levem a refletir as ações do outro, a fim de que seja alcançado

um objetivo em comum: proporcionar às crianças uma educação de qualidade e ao professor alternativas e conhecimentos para saber lidar com elas.

3.1 INTERAÇÃO COMO MÉTODO DE FACILITAR A APRENDIZAGEM E O PENSAMENTO

Sem dúvida, uma adequada interação social facilita aos alunos aprender e a pensar corretamente o ensino. Conforme a revisão de literatura realizada por Leandro S. Almeida (2010, p. 156) nada se aprende por ‘colagem’ e “tudo o que é retido por mera justaposição, substituição ou memorização cedo ou tarde acabará por desaparecer, sem nunca ter sido devidamente integrado na estrutura do conhecimento do indivíduo”.

Tendo em vista essas ponderações, é interessante assentar que o aluno deve ser estimulado a ser um ser pensante e metódico em seu modo de buscar o aprendizado, oportunidade que é desejável a formação de um aluno implicante, dinâmico, dialético para **que**, ao final de sua instrução, não haja formação de educandos ingênuo no saber.

Citado por José Geraldo Ribeiro, Carl R. Rogers afirma que o mundo atual vive em “constante processo de mudança, no qual a educação não deveria ser ensinar, mas sim a de facilitar a mudança e a aprendizagem”, para quem

O único homem instruído é aquele que aprendeu como aprender, como adaptar-se à mudança; o que se deu conta de que nenhum conhecimento é garantido, mas que apenas o processo de procurar o conhecimento fornece base para a segurança. (ROGERS³, 1985, p.65 *apud* RIBEIRO, 2002, p.47).

Com essa moldura, Rogers recomenda que o foco do ensino seja mudado para facilitar a aprendizagem, ou seja, para o autor, não se deve preocupar tanto com aquilo que o aluno “deve aprender ou com aquilo que vai ser ensinado, mas sim com o como, porque e quando aprendem os alunos, como se vive e sente a aprendizagem e quais suas consequências sobre a vida do aluno” (ROGERS, 1985, *apud* RIBEIRO, 2002, p.47).

Para Paulo de Freire (1996, p.21) devem ser buscadas alternativas que facilitem o aprendizado e o pensamento inteligente e, para isso ocorrer, o autor insinua que o processo de ensinar não é tão somente transferir conhecimentos, os quais não precisam ser apenas apreendidos pelos “educadores e educandos nas suas razões de ser, ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido”.

³ ROGERS, Carl R. **Liberdade para aprender em nossa década**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1985.

Com essa arquitetura, conforme Figueiredo (2008, p. 236) “os alunos necessitam estar conscientes da sua evolução, tendo em vista a concretização dos objetivos por si estabelecidos”, à razão de que a escola deve, cada vez mais, favorecer a aquisição de tais competências cognitivas. Dentre estas habilidades ou competências, para Almeida é importante destacar o ser capaz de pensar e o de aprender, para quem

Estas são habilidades fundamentais ao trabalho e sucesso escolar dos alunos. Por esse fato, defende-se que deve haver um maior investimento, e para isso os professores teriam de estar preparados, no treino dos alunos no aprender, pensar, conhecer e resolver problemas. (ALMEIDA, 2010, p.156).

Corroborando o alegado, Figueiredo (2008, p. 236) salienta que “os alunos motivados conseguem maior concentração e persistência nas tarefas escolares, obtendo mais satisfação quando alcançam os objetivos estabelecidos”, os quais podem ser plenamente alcançados, com o apoio constante de diálogo aberto entre professor e aluno.

Portanto, é importante que o aluno seja destinatário de uma comunicação facilitada e compreensível emitidas do professor, que deve se dirigir ao aluno com o trato e cuidados que a peculiaridades do educando recomenda, orientando cada um dos alunos segundo suas particularidades, fugindo de aspectos inibitórios que possam traumatizar e bloquear o aprendizado e a capacidade de pensar do estudante.

3.2 ENSINAR E APRENDER NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

A vivência diária do professor-aluno em sala de aula tende a fazê-lo compreender a realidade ali existente, onde cada qual, aluno e professor, conduzem-se de uma forma individualizada, além de serem possuidores de culturas e valores íntimos de si mesmo.

Nessa toada, o educador Paulo de Freire (1996, p.19) anota que a questão da “identidade cultural é problema que não pode ser desprezado” pois, para o ilustre educador, “a experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres” não devem ser consideradas desnudadas em si, ou seja, os envolvidos no processo educativo, alunos e professores, devem assumir-se como “ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (*Ibidem*, 18-19).

Com base nessas premissas, ambos os atores do processo educativo – professor e aluno – ao saírem do espaço familiar para se inteirar no escolar, se sujeitam a encontrar diferentes situações das que estão acostumados em seus estilos próprios de vida, que

acontecem no espaço familiar e com amigos pessoais, pois quando chegam ao ambiente escolar trazem consigo hábitos e costumes que refletem suas vivências particulares.

De acordo com Coll e Solé (2004, p. 242) o ambiente “escolar é um dos diversos tipos de práticas educacionais presentes nas sociedades com um certo nível de desenvolvimento científico”. Por isso, completam os autores

O próprio fato da existência das escolas ou das educações escolares tem interesse e repercussões para diversas ciências e áreas de conhecimento, pois, de um ponto de vista psicológico, denota-se a consideração que se possa fazer das práticas educacionais escolares e, em geral, da educação, a qual está sujeita, em última análise, à noção de desenvolvimento que se sustenta e aos quais se apele para explicá-lo. (COLL; SOLÉ, 2004, p.242).

Com essa situação, nota-se que quando ocorrer a troca de informações em uma fluente comunicação entre professor e aluno, conseqüentemente haverá uma melhor compreensão de um pelo que o outro diz. E, ainda que a compreensão não seja exitosa naquele momento, ao menos uma límpida comunicação os levam a refletirem sobre as ações do interlocutor, provocando neles ações e reações, alcançando mútua influência um sobre o outro, de forma que o importante na comunicação é a “compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser ‘educado’, vai gerando a coragem” (FREIRE, 1996, p. 20).

Com essa silhueta, Celso Antunes (2010, p. 28) entoa que “a aprendizagem depende, portanto, do desenvolvimento prévio e anterior, mas também do desenvolvimento proximal do aprendiz”. Em detida análise desse processo interativo de experiências anteriores com as proximais, na fluência do processo de aprendizagem, Antunes enaltece que “não se deve colocar apenas as atividades que o sujeito é capaz de realizar de maneira autônoma, mas também as atividades que pode aprender por meio de uma interação” (p. 28).

Em arremate, a realidade do aluno, principalmente os das séries iniciais, com suas recentes descobertas da vida, aporta no ambiente da sala de aula. O professor assume, neste momento, o papel de idealizar possibilidades para que o estudante se sinta seguro, confiável e se expresse, relatando experiências que possa contribuir para a interação do grupo escolar que, em última análise, será um valor agregado no processo de formação continuada do professor, donde essas experiências atuais servirão para moldar o processo educativo com os novos alunos que acessarem o ambiente escolar nos anos seguintes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alunos com dificuldades de aprendizado necessitam de atenção especial por parte dos educadores. Uma boa comunicação pode injetar no aluno vontade de se superar e de acreditar que pode vencer os obstáculos enfrentados, fazendo-o imaginar que é capaz de mudar seu estado de aprendizagem deficitária para o êxito.

O sucesso no aprendizado exige um trabalho pedagógico bem elaborado e estruturado e, para tanto, deve ser desenvolvido de acordo com a capacidade de avanços individual de cada criança, descobrindo seus conhecimentos prévios, dando a ela oportunidade de se expressar suas capacidades e exercer seu desenvolvimento e aprendizado influenciando positivamente no grupo escolar.

As causas do insucesso no aprendizado, negativas ou positivas, dependem das circunstâncias em que cada aluno se encontra num contexto de sua vida **as quais devem ser levadas em consideração quando da elaboração dos planos de aula e momento que ocorrer a comunicação em sala de aula.** Assim, no tocante a função do professor, espera-se que este profissional possa interferir proativamente no processo interativo em sala de aula, **avocando** ~~adquirindo~~ para si o papel de mediador das relações, utilizando a ação pedagógica adquirida em seu processo de formação continuada, agindo para que as dificuldades íntimas de sua pessoa não interfiram no processo educativo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro S. Psicologia escolar e educacional: Facilitar a aprendizagem: ajudar aos alunos a aprender e a pensar. São Paulo, 2002, Psicol. Esc. Educ. (Impr.) vol.6, n. 2, p.155-165. Campinas dez. 2002. In: **Scientific Electronic Library Online**, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v6n2/v6n2a06.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

ANTUNES, Celso. **Vygotsky, quem diria?!**: Em minha sala de aula: fascículo 12. 7. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010. Cap.4, p. 27-28.

ARAÚJO, Polyana Ramos Cândido de; AGUIAR, Andreza Sanny Mendes de. Uma análise do desenvolvimento sócio-afetivo no ambiente escolar: a importância da relação professor-aluno. s.l. 2014. In: **Editora Realize**, s.l 2014. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_08_11_2014_00_21_59_idinscrito_2089_3130700d934f0cbe1b5f77f32a556767.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2019.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia. Interação. s.l. 2015?. In: Glossário Ceale (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores). Termo de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores – ISBN: 978-85-8007-079-8. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/interacao>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

COLL, Cesar; SOLÉ, Isabel. Ensinar e aprender no contexto da sala de aula. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da educação escolar**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004. cap.14, p. 242-260.

FIGUEIREDO, Fernando Jorge Costa. Como ajudar os alunos a estudar e a pensar? Viseu, abr.2008. In: **Millenium - Revista do ISPV, n.º 34**, Viseu, abr. 2008: Semestral, p.233-258. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium34/default.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** [Dispositivo eletrônico]. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

GONÇALVES, Eduardo Jorge de Almeida; Trindade, Rui. Práticas de ensino diferenciado na sala de aula: “se diferencio a pedagogia e o Currículo estou a promover o sucesso escolar de alunos com dificuldades de Aprendizagem”. Porto, 2010. In: **Repositório Aberto da Universidade do Porto**, Porto, 2010, p.2062-2073. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/35075?locale=pt>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

KULLOK, Maísa Gomes Brandão (Org.). **Relação professor aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas (EDUFAL), 2002.

MAUCO, George. **Psicanalise e educação**. Lisboa: Moraes, 1967.

PINO, Angel. **Revista psicopedagogia**. Vol. 12 (26), 1993.

RIBEIRO, José Geraldo Gomes da Cruz. A psicologia fenomenológico-existencial: uma nova perspectiva de relação. KULLOK, Maísa Gomes Brandão (Org.). **Relação professor aluno:**

contribuições à prática pedagógica. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas (EDUFAL), 2002. Cap. 3, p.37-49.

QUECONCEITO. Conceito de Interação. Disponível em: <<https://queconceito.com.br/interacao>>. Acesso em: 18 abr. 2019